

IAMÁ - Instituto de Antropologia e Meio Ambiente
Anthropology and Environment Institute
Utilidade Pública Federal - Decreto de 19/03/93
Tel. (011) 814-2499, 211-6724 e 813-9712 Fax (011) 210-1338 - Modem:
IAMÁ - Rua Afonso Vaz, 454-Butantã-CEP: 05580-001-São Paulo-SP

A ESCOLA DO ÍNDIO

Texto de Megaron Txukahamãe (Mekaronti Metyktire)

Vou falar sobre a minha preocupação em relação à escola. Os nossos costumes são diferentes dos costumes dos brancos. Nós temos os nossos parentes que são profissionais em nossos conhecimentos, como o artesanato, as músicas, as danças, a língua de nosso povo.

Os velhos são as pessoas que possuem esses conhecimentos, que são muito importantes para nós. Vocês, que querem ser professores, devem aprender com eles.

Minha preocupação com meus parentes é de que eles precisam aprender nossas músicas, histórias, danças, artesanato e nossa língua. Se perdermos a nossa língua, vamos perder o nosso povo, vamos ficar igual aos peões.

Vocês precisam colocar na cabeça das crianças que elas têm que aprender os nossos conhecimentos.

Nós Metyktire, sabemos fazer discurso. Existem palavras diferentes que são usadas nas cerimônias, existem palavras diferentes para os chefes, palavras mais antigas, que são os velhos que conhecem melhor.

Nós temos que dar valor para nós mesmos.

Vocês que vão trabalhar com educação, têm que aprender com os velhos. Quando os velhos morrerem, vão levar com eles todo o conhecimento que possuem.

Daqui para frente, vocês têm que começar a escrever em nossas línguas, escrever sobre os nossos conhecimentos.



IAMÁ - Instituto de Antropologia e Meio Ambiente
Anthropology and Environment Institute
Utilidade Pública Federal - Decreto de 19/03/93
Tel. (011) 814-2499, 211-6724 e 813-9712 Fax (011) 210-1338 - Modem:
IAMÁ - Rua Afonso Vaz, 454-Butantã-CEP: 05580-001-São Paulo-SP

RELATO DA EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR LOIKE KALAPALO

07/02/94 - PI Pavuru/ Parque Indígena do Xingu
Primeiro curso de formação de professores indígenas

Todos os que vieram participar do curso, vieram para aprender a ensinar as crianças e os adultos. A responsabilidade de ensinar é nossa, nós que devemos aprender a ensinar os alunos. Temos que ter muita paciência para ensinar, os alunos estão em primeiro lugar.

Quando eu terminei a oitava série, fiz um curso de Agropecuária. Eu morava junto com os Nambikwara. Em cada aldeia tinha uma escola construída, tinha mimeógrafo e máquina de escrever.

Eu não tinha nada para fazer, porque o curso que eu fiz não adiantava muito, porque eu não precisava ensinar o pessoal sobre agricultura, eles já sabiam fazer roça.

Então eu resolvi ser professor. Fui na prefeitura, a secretaria municipal de educação já tinha assumido a educação indígena. Eu fiz concurso, passei e fui dar aula.

Eu não sabia nada, não sabia como dar aula. Eu tinha 65 alunos.

Vocês têm sorte de ter um curso logo, para poderem trabalhar com seus alunos.

Quando eu comecei, cada professor falava de um jeito, eu fiquei perdido.

O pessoal da Funai começou a me ajudar, trabalhei três anos, então as coisas começaram a piorar lá na área Nambikwara. Os madeireiros começaram a invadir, ninguém queria mais ir à escola, queriam ficar na cidade.

Quando eu vim visitar os parentes aqui na aldeia Tanguru, o pessoal me convidou para trabalhar aqui no Xingu.

Com a venda da madeira, lá nos Nambikwara, o pessoal começou a pensar que ganhar dinheiro, ter carro, é tudo. O pessoal de lá ficou contra mim. Teve um chefe que era contra a venda de madeira, que foi assassinado. Foi um madeireiro que mandou uma pessoa do povo dele matá-lo.

Tem muito estudante que em vez de aprender primeiro as coisas do povo dele, quer aprender as coisas dos não-índios. Eu lutei para não esquecer a minha língua.

Os estudantes que vão estudar na cidade, só aprendem coisas ruins.

O pessoal que é professor, tem que saber o que vai falar na sala de aula para os alunos. Tem que ensinar coisas boas para os alunos. Então o aluno dele vai falar: esse é meu professor, ele que me ensinou coisas boas. O papel do professor tem que ser limpo.

Quando a criança está aprendendo a escrever, não podemos dizer que o que ela escreve está errado.

Meu alunos escrevia o nome dele assim:
(o nome dele é Malako)

W * T U L O
M K I A O A
M A L A K O

Tinha criança que pegava no lápis errado, mas eu não falava para ela que estava errado, eu pedia para ela olhar o outro aluno, assim que ela aprendia.

O ensino na aldeia tem que ser lento. Tem alunos que faltam para ir pescar. Se a criança está brincando e não vai à aula, deixe ela ficar brincando.

A minha escola ainda não tem mesa lisa, lá as mesas são de pau roliço. Eu ainda espero que tenha.

A gente que é professor não pode cortar a idéia da criança. Eu falava para a criança: você vai desenhar árvore. Se ela não queria desenhar árvore, queria desenhar outra coisa, eu a obrigava a desenhar o que eu queria. Se ele desenhava as folhas amarela, eu falava: não, a folha tem que ser verde.

Eu escrevia frases no quadro. Um aluno meu, chamado Tadeu, escreveu uma vez uma frase na lousa. Eu falei que estava errado. Eu agi mal, ele nunca mais escreveu.

Nós não podemos obrigar o aluno a fazer só o que a gente quer. Eu trabalhei assim quase um ano, depois comecei a mudar.

O professor tem que descobrir o que a criança quer. Cada aluno é diferente, cada um tem um tempo para aprender.

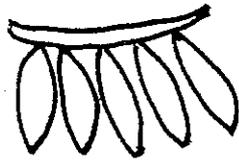
Quando a gente gosta do trabalho de professor, a gente faz esse trabalho bonito, com prazer.

Eu comecei a dar aula em português, está errado. O certo é começar a alfabetizar na língua. Aqui no Tanguru eu comecei com português porque eu não tinha o alfabeto da minha língua. Nossa língua está em primeiro lugar, depois vem o português. Quando eu voltar para a aldeia eu vou começar a trabalhar na minha língua, agora eu já tenho uma noção de como escrever.

Quando eu comecei a alfabetizar eu fazia assim: passava o A E I O U. Eu perguntava o que era isso, e ninguém sabia. Eu mandava copiar até o final do caderno. Eu acho que é bom ensinar o alfabeto, mas não precisa fazer tanta cópia, podemos usar muitos jogos.

No começo eu acho bom usar mais a letra de forma, mas pode ir logo mostrando

as outras letras. Colocar muitos cartazes na escola, com nomes de frutas, animais, junto com os desenhos. O professor e os alunos podem desenhar, ou recortar figuras de revistas e colar com o nome. É importante escrever as coisas da realidade, coisas que os alunos conhecem.



BANANA
banana
banana